

senhor dos violões

Entre as zonas leste e sul da capital, o japonês Shigemitsu Sugiyama criou instrumentos para Chico Buarque, Paulinho da Viola e João Bosco, entre outros talentos da MPB

texto Jr. Bellé
fotos Keiny Andrade

Shigemitsu
Sugiyama
fabrica violões
há 50 anos



Aos 77 anos, 50 deles dedicados à luthieria de violões, Shigemitsu Sugiyama carrega no sobrenome a potência de seus instrumentos: “Em japonês, ‘sugi’ quer dizer montanha, e ‘yama’, madeira, como se fosse um cedro. Sugiyama pode ser madeira da montanha, o cedro da montanha.”

Quando imigrhou para o Brasil saindo de Tóquio, em 1973, trabalhava na auditoria americana. “Mas não gostava nem um pouco daquele trabalho de escritório e papel.”

Já em São Paulo, foi morar na zona oeste. Não se adaptou ao lugar. “É uma região muito baixa, com muito vale.” A mudança para o Jardim Oriental, próximo ao Aeroporto de Congonhas, devolveu o ‘sugi’ a Sugiyama, a altitude de que gosta. O silêncio e a tranquilidade, no entanto, não o acompanharam. “O problema é o barulho. A gente se acostuma.”

Ele não se refere apenas aos rugidos periódico dos aviões, que interrompem os papos e também sua concentração para escutar os mais sensíveis timbres, mas também aos ônibus que passam debaixo de sua janela e encostam no ponto ao lado de seu sobrado.

As coisas melhoraram no fim de semana, quando a calmaria da zona sul se mostra convidativa para breves passeios e combina muito bem com a serenidade de seus olhos. Além disso, as quatro décadas e meia de vida em São Paulo fizeram brotar um genuíno sentimento de gratidão: “Essa terra me acolheu. Cheguei aqui sem nem saber português, conheci ótimos músicos. Fiz amigos, me deu quatro filhos. Sou muito grato.”

Ao chegar, São Paulo também deu a Shigemitsu um emprego na fábrica da Giannini, mas o ritmo industrial de feitura de instrumentos não harmonizava com sua particular melodia de jovem luthier.

Resolveu seguir caminho próprio. Escreveu para um dos grandes violonistas brasileiros, Turibio Santos, e encontrou-se com ele. “Ele me disse, já no primeiro encontro, para acertar o som agudo, se o agudo brilhar a música levanta. Foi uma grande lição.”

Sete anos depois do encontro, seus violões já eram protagonistas nas canções de João Bosco e Toquinho. Logo, outros grandes compositores apareceram, entre eles Chico Buarque, Paulinho da Viola e Marco Pereira, que gravou seu celebrado Valsas Brasileiras com os instrumentos do Sr. Shigemitsu.



A produção média é de
2 violões por ano

O valor vai de
R\$ 25 mil a R\$ 40 mil

o tempo médio de feitura de um violão é de
3 meses

Cada violão é uma obra singular. Jamais são iguais: “Não gosto de repetir a mesma coisa, em cada um faço algo diferente”.

Tal esmero exige uma variada combinação de diferentes qualidades de madeira, especialmente cedro americano, jacarandá, mogno brasileiro e ébano indiano. Mas é no pau-brasil que deposita suas esperanças.

“É uma madeira difícil de acertar, mas se acertar é outra coisa, outro nível”, explica. “Para que a música mude, é preciso que o violão mude, aí um compositor escuta esse som e faz algo novo: o pau-brasil pode mudar o som, tenho muita esperança nisso.”

A maior dificuldade é que para um violão ficar bom pode levar 30 anos, isso se o instrumento for tocado constantemente. Se somarmos o tempo médio de secagem da madeira, outros 30, e de estufa, em média dez anos, um violão precisa de cerca de sete décadas para alcançar o som ideal.

“O problema é que já tenho 77”, brinca.



Oferecemos residência permanente e creche.

Telefones: **2337-5067** Celular e **98105-0052**

A Vida é Bela Residencial: Rua Juvenal Parada, 125 - Mooca

A Vida é Bela Residencial Premium: Rua Ibitinga, 394 - Alto da Mooca

